

ÁGUA PARADA

Daniel Manzoni-de-Almeida¹

Nós e as goiabas. Nós, aqui em casa, gostamos da história de vida do Dário. Desde pequeno se mostrou um rapaz de garra. Pobrezinho de tudo, conseguiu tudo o que conseguiu na vida. Hoje mora em um apartamento de rico em um bairro lá próximo a Avenida Paulista. Precisa ver só: três quartos, um ele transformou em escritório, sala de estar bem grande, com uma estante de discos, ou melhor de DVDs é assim que fala hoje, de artistas lá de fora, uma mesa grande, com vidro na sala de jantar, mesa de oito lugares, para receber as pessoas que o visitam, gente com dinheiro também. Nós ficamos sabendo, pelas fotos que ele coloca nas redes sociais, e gostamos de contar que ele é um pouco famoso também. Fez faculdade para construir prédios, projetou e construiu vários na cidade, nós vimos nas fotos na rede social, ele ao lado dos prédios de luxo, agora ele era do luxo. Saiu daqui tão pobrezinho que dava dó, naquela noite que não tinha sapato para calçar, foi de chinelo embora para São Paulo logo que fez dezoito anos. Nós não gostamos de dizer que ele foi embora e abandonou a família, nós gostamos de contar que ele foi para o sucesso na vida que muitos aqui, nesta cidade não tão esquecida do interior do estado de São Paulo, mas sem muitas opções, além de ser mato torna-se mato, para ser uma pessoa tão inteligente como ele que desde pequeno nós sabíamos que seria alguém que seria orgulho para todos nós. Sabemos que ele ganhou muito dinheiro, que ele ainda ganha muito dinheiro. Vida de príncipe, vida feliz. Nós também gostamos de falar que ele viaja muito para o estrangeiro, Europa, Estados Unidos, e que foi até para o outro lado do mundo, ao Japão e que ajudou a construir prédios também por lá. Nós sabemos que ele come das melhores comidas que existem, produtos de primeira, muitos importados ou feitos para poucas pessoas, aqueles que estão em pequenos potes, algumas dessas comidas são vendidas em restaurantes caros de São Paulo, vemos nas fotos que ele publica na rede social dele, Dário nos dá orgulho, e ele ainda coloca que sempre está feliz, rodeado de amigos, gente sempre muito linda, bem cuidada, amigos de trabalho, muitas vezes, isso só conta o quanto ele está bem, rodeado de pessoas de uma beleza de televisão, nos faz saber que ele está bem, que superou todas as

¹ Programa de Pós-graduação em Teoria e História literária, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP. E-mail: danielmanzoni@gmail.com

dificuldades que ele tinha aqui com a família. Imagina que muitas vezes ele não tinha nada para comer e agora mostra fotos sentado em mesa de restaurante e pagando a própria conta: é uma história feliz. E bonito, como ficou bonito, e ainda sem as marcas das surras que levava, pois era saco de pancadas como os cheios de goiabas perfumadas que o pai colhia, em sua plantação de goiabeiras da família, para vender na feira aos domingos. Nós que sabemos, era pancada do pai na manhã, “vira homem”, e a noite do namorado da irmã, que já como namorado se sentia da família, e com direito a dar pancada em Dário. Hoje, nós não vemos nenhuma marca das pancadas nos braços tão fortes e bem tratados que não são possíveis ver as marcas de vara de marmelo que já rasgara a pele ainda quando morava aqui. Nós sabemos que tem um amor também, não aquele que esperamos: parece que gosta de homens, sagrada face de cristo, não sabemos como julgar isso, mas nós vemos que está na moda e não parece que é um grande problema, assim esperamos, será que o marido da irmã sabe? Se souber mata ele de pancada lá nas goiabeiras como uma certa vez! Com o dinheiro que Dário dá para a família não permite que ninguém fale sobre isso e cada um vive a vida como tem que viver, pronto. Que superação! Nós sabemos que ele aprendeu a ler muito cedo, isso deve ter ajudado ele, leu muitos livros, estudioso. Nós lembramos quando ele pedia livros emprestados aqui em casa, gostava de livros de receitas, sempre achamos que gostava de cozinhar, mas não podíamos dar incentivo, sabe como é: cozinha não é coisa de homem. Ele está no ramo certo, afinal, construindo prédios, coisa de homem, mas não deve pegar em bloco coisa nenhuma, é chefe, dá ordens aos peões da obra, superou! Mas nós sabemos que quando ele chegou em São Paulo foi direto trabalhar em uma construção lá para os lados do centro da cidade. Ali ajudou mesmo a construir um prédio, ali virou homem carregando concreto para a construção. Outro dia ele colocou uma coisa assim na internet, lembrando dos tempos que chegou em São Paulo, construindo prédios, acabando com as costas e as mãos com a violência que o concreto e o cimento não escondem de ninguém. Agora está orgulhoso da vida feliz que leva e nós também, faz a nossa felicidade de dizer que um cidadão da nossa cidade tenha chegado tão longe, contando uma história tão linda como essa, apesar de gostar de homens: o importante é ir além da felicidade, é ele ter uma história assim bonita que nós podemos ver e contar. Dário nunca mais voltou aqui na cidade, só sabemos disso tudo porque ele publica coisas e fotos na rede social e nós imaginamos sua feliz vida e quem não imaginaria?

Você e as goiabas. Você, Dário, tem vida de príncipe na capital. Cada foto que você coloca na internet, querido, que nos faz inveja. A melhor foi quando você foi a Grécia, no verão eu acho, pelo azul do mar e a luminosidade das fotos era verão na Europa. Foram as melhores fotos. Cada prato de comida que você experimentou. Comida mediterrânea, saudável. Por isso você está tão bonito. Pele ótima, musculoso, cabelo bem cortado. Comendo do melhor do mundo quem não estaria? Também deve estar dormindo bem. Pelas fotos do apartamento dá para ver que você está morando muito bem. Apartamento em um dos melhores bairros de São Paulo. Tão diferente do casebre que você morava com sua família aqui nesta cidade, que nem dá para chamar de fim do mundo, mas uma cidade sem oportunidades para o mundo. Lembro de todas as vezes que você chegava chorando da escola, aquela escola municipal próxima a minha fazenda, chegava aos prantos porque você havia apanhado dos garotos da sala, lá atrás da escola, próximo ao muro da demarcação das minhas terras e as da escola. Lembro dos seus soluços depois da surra, que nunca deixou marcas no corpo mas com certeza na sua alma, tadinho, depois dos vinte e poucos tapas na cara que os meninos haviam dado em você. Você sabe que fim levou os meninos daquela turma? Estão todos aqui ainda na cidade. Bando de vadios. Bebem dia sim e outro sim. Bagunçam ao ponto de alguém ter que chamar a polícia. Alguns outros já estão casados. Ainda, outros casados e já com filhos. Um, dois, e até quatro filhos pequenos. Crianças que não tem culpa de passarem fome enquanto o pai bebe até a última gota de cachaça na mercearia, aquela próxima a igreja central, mas estão todos aqui. Vida limitada. Limitada não, vida amadeirada. E veja só você, depois de passar por tudo isso, nem falei da fome e dos espancamentos do seu cunhado, está ai desfrutando a beleza do mundo, enriqueceu, e é só um pedaço que vemos, nas páginas da rede social que você posta, de toda essa riqueza. A história que corre aqui é que você gosta de homem. Isso não é de nossa conta. Você lutou muito para fazer o que você quiser da sua vida. E se o teu namorado, ou melhor, companheiro, não sei como chamar, enfim, for aquele que sempre está nas fotos com você, pela Grécia, França, Estados Unidos e mundo afora, está de parabéns. Que rapaz lindo e parece ser rico, bonito e com caráter ótimo. Você escolheu muito bem. Imagino como deve ter sido o encontro de vocês. Foi um encontro especial, apostado, tão diferente do encontro desses meninos daqui com essas meninas. Encontros tão previsível, destinos tão insossos. Os casais aqui se formam como um jogo de xadrez: ninguém sai dessa tabuleiro mesquinho e todas as peças se conhecem já dentro da caixa. É vida em água parada. Tão diferente da sua

vida de agora: sua vida aí é água corrente, fresca, cheia de vida, vida feliz! Espero que você tenha esquecido a vida desesperada que você tinha aqui. Lembro de quando você chorou para mim com fome. Sua família havia perdido toda a safra de goiabas daquela estação e instantaneamente haviam perdido toda a renda e só ganharam a fome. Sua mãe me conta que para sanar a fome de vocês, muitas vezes, ela dava a água que havia cozinhado com poucas batatas e sal. O sal ajudava a amortecer a fome no estômago e fazer ele parar de roncar. Na verdade foram muitas estações assim que vocês passaram. Sua família é linda, mas sempre careceu de informação e foi encharcada da bebida do seu pai. Maldição desse lugar, a bebida. Afoga qualquer esperança. Vi em algumas fotos suas na rede social que você estava com copos de bebidas em mãos. Sabe que isso me apertou o coração, mas imagino que você esteja feliz a ponto de desviar de muita bebida. Outro dia vi o seu cunhado batendo na sua irmã como ele fazia com você. Era cada surra que ele dava em você que doía em mim. Eu lembro daquela surra na plantação de goiabas do seu pai: deixou você escornado, boca sangrando, sangue escorrendo no canto da boca, a cara no chão, sangue e areia, no meio de um punhado de goiabas podres do chão, nossa ainda bem que você superou tudo isso. Deve ser por isso que outro dia você colocou, engraçado na rede social, que você odeia goiaba, não é mesmo? Sempre fiquei imaginando o porque ele fazia isso. Nunca entendi esse comportamento dele. Nem da família era ainda para ter esse direito, vá lá se fosse irmão, mas não é, rapaz problemático. Mas olha, corre aqui na cidade uma versão, uma história do porque ele batia tanto em você. Não gosto de mexericos, viu, se doer você me ignore e morre assunto, mas dizem por aqui que ele batia tanto em você por amor. Não amor de família, você sabe, mas amor de homem, igual esse que você tem aí. Contam aqui que viram você e ele, na plantação de goiabas do seu pai, e ele sendo sua mulher. Acho que ele nunca admitiu que na verdade gostava era de você e não da sua irmã, por isso cobria você de pancada. Agora não passa um dia se quer na lucidez por aqui, o sangue virou cachaça, deve ser de desgosto por ter sido abandonado de vez por você. Você que é feliz, Dário, de ter colocado nome estrangeiro no sobrenome, era Alves e agora é Katz, e ter se livrado desse homem aqui. Você amou esse homem daqui alguma vez?

Eu e as goiabas. Eu, Dário, nunca fui amado, apenas amei. Acabei de chegar em casa do trabalho odioso que tenho, eu queria colorir pratos com comidas deliciosas, mas mexo com concreto cinza, e só penso em me matar, de hoje não passa em terminar essa vida infeliz. É noite quente de verão e a cidade de São Paulo, bem movimentada, gente andando

para cima e para baixo, aqui do meu apartamento na Rua Frei Caneca consigo ver um bom pedaço da avenida mais charmosa da cidade, sempre foi meu sonho de menino vir morar aqui perto, agora que estou morando aqui, com essa cidade toda a me servir, com dinheiro para comprar o que eu quiser, não consigo sair do meu apartamento sem um medo imenso a me tomar, estou paralisado como uma poça d'água. Meus amigos, amigas estão sempre aqui comigo quando há festas, muita bebida, mas não estão agora quando a vida é apenas a vida, e eu com uma vontade imensa de sempre pular da janela para voar sem voltar. Apartamento imenso que chega a dar eco, só ouço a respiração do *Guava*, meu gato persa, que me faz sempre pensar em ficar mais um pouco por aqui. Do meu namorado não posso esperar nada além da expectativa de ouvir da sua boca suada quando vem da academia aqui perto, que com certeza os lábios estão malhados também, de tanto chupar outros paus no banheiro da academia cara que eu pago, vem seca para beijar minha boca e dizer, “Você continua magro” ou “Você está com o corpo legal ainda”, quando percebe meus músculos. Queria ter a cara de pau dele quando vem aqui e desaparece nos outros três dias seguintes, aparecendo às vésperas, sempre, de um feriado, pois sabe que sempre haverá uma viagem que eu possa leva-lo, jamais diria “Não vou te levar” porque não consigo, preciso dele, de estar perto dele, de ter ele da mesma forma como preciso ter um carro: é meio de transporte. Ele me transporta por lugares que eu jamais poderia ter com o dinheiro que tenho, há situações que o dinheiro não compra, como o cinismo e a mentira dele em dizer que me ama. Há quem diga que é isso é o amor, o resto é meu desejo iludido no cheiro de manga. Sinto tanta sinceridade na mentira dele que fico fascinado, por isso continuo. Gosto de fotografar e publicar o sorriso dele ao meu lado, o sorriso dele de conquista e satisfação, faz parte da minha vida satisfazer o outro antes de me satisfazer, é um egoísmo reverso, tão disfarçado de pecado que passo ileso aos olhos de deus por segundos, depois vem a desgraça da culpa, que deus não esquece por eu me esquecer de mim e joga uma pedra tão pesada nos meus ombros que penso em me jogar daqui e me espatifar lá embaixo. O que me salva é a respiração de *Guava*, que se vira, faz uma gracinha, logo pego meu celular e tiro uma foto dele e imediatamente divulgo na rede social, a cada curtida, risada e coraçãozinho dado me serve de espada de batalha contra deus que me quer ver espatifado lá na rua Frei Caneca. Aí assim, eu consigo viver mais um dia e não sei como chegarei à noite, alimentado pela rede social. Logo coloco outra foto, de um prato de comida, uma localização bacana e mais dezenas de curtidas, consigo viver mais um dia, mais outro, mas não escapo das dores da

noite, não porque ela me joga diante da minha solidão, mas porque não sei viver sem luz. Todos os momentos felizes da minha vida foram à luz do dia. O primeiro beijo que o namorado da minha irmã me deu e disse que queria viver comigo, sempre, foi me dado com cheiro de manga embaixo de um pé de goiaba da plantação do meu pai, estranho não é: mistura de manga e goiaba, mas a vida é essa mistura de sensações tão esquisita. Era o vento que trazia o perfume da manga para as minhas narinas, foi com cheiro de manga no nariz que ele me penetrou pela primeira vez, eu era a mulher dele e não o contrário, mas mantenho em segredo: essa mentira é minha pequena maldade por ele não me querer, é minha difamação inocente. Foi pisando em goiabas podres no chão, caídas do pé, que senti a respiração dele no meu pescoço e o gosto de sangue na minha boca com o primeiro soco que ele me deu, cai no chão, ainda nu, e sem gozar, meu destino é nunca gozar, mas sentindo o ódio e o arrependimento dele. Era assim sempre: o amor dele por mim durava apenas até a gozada dele, depois virava só pancadas e eu me sentindo e estando abandonado ali como as goiabadas caídas do pé. O amor que conheço começou assim e não tem fim, é o amor infinito que pedi. O *Guava* fez mais uma gracinha. Oportunidade que tenho para implorar por mais um dia de vida pelos meus seguidores que conto uma história feliz da minha vida, eles não suportariam se eu contasse a verdade: que por trás das minhas fotos maravilhosas está eu, Dário do interior que quer sentir o perfume de uma manga e que detesta o gosto de goiaba pobre com terra. O que mais tento fazer é não deixar saberem a verdade, tento contar uma história feliz em cima da história triste, o *Eu* nunca aparece de verdade, deixo para o *Você* e para o *Nós* apresentarem o que sentem de mim por meio do que coloco nas redes sociais. Depressão para mim tem cheiro de goiaba, amor tem cheiro de manga e não consigo descrever o cheiro da manga na internet, apenas digo que tenho saudade de manga, isso já faz os outros felizes e esquecerem de mim do passado, o que eu não consigo fazer, pois me persegue, mas eles o fazem e contam a beleza do que sou agora. É isso que importa. Só alimento isso. Na verdade, o que não posso dizer aos seguidores é que eu me transformei naquele pé de goiaba que só recebe, distante, o perfume de manga fresca pelo vento. Acabei de postar na rede social “está comendo manga”. É mentira, estou parado como uma poça de água de chuva, tentando sobreviver mais um dia. Mais dez minutos e uma centena de curtidas. O cheiro da manga chegou em todos e eu não saí do meu lugar mas movi o mundo, estou tão paralisado sentado nesse sofá, deprimido, e passo uma história bela, como é possível? Talvez eu seja tão sincero na mentira quanto meu namorado cara de pau. Então é

isso: o belo é só um simulacro. *Guava* fez outra gracinha, salvou mais um dia. A vida vai se arrastar ainda. Tenho fome e só tem goiaba na fruteira para comer. Fome insaciável que meu psiquiatra chama de homofobia.